

CONSTRUÇÕES SOBRE OS PROGRAMAS DAS ARTES VISUAIS

associação de professores de expressão e comunicação visual

Introdução

Membros da APECV sentiram a necessidade de re-pensar o lugar da Educação artística Visual no Currículo do Ensino Básico, em contextos de ensino formais. Essa necessidade surgiu não só pela anunciada revisão curricular do Ministério da Educação em Janeiro de 2012, mas também porque era necessário rever as justificações, as estratégias e as metodologias desta área de aprendizagem escolar. Dos vários debates que tiveram lugar no seio da Associação surgiram estes “Textos em construção”, que longe de estarem finalizados abrem para um olhar mais atento sobre as políticas, as pedagogias e as práticas da educação visual nas escolas portuguesas.

Continuamos a usar o termo Educação Visual, que foi escolhido desde os anos setenta com a reforma de Veiga Simão, quando em Portugal se iniciavam as ideias da Educação pela Arte, porque nos parece neste momento o termo menos controverso para definir a Educação Artística Visual (EaV). Ou seja, o ensino para a compreensão da cultura visual, a educação para os media e o ensino das artes visuais para todos os alunos e alunas. Por Educação Visual entendemos uma área disciplinar que integra o estudo de contextos históricos e teóricos de análise e de produção de imagens sendo elas artísticas e do quotidiano, provenientes de culturas locais ou globais, integrando também processos de pensamento, reflexão crítica e criação, através da apreciação, criação e produção artística que pode ser multimodal e multitecnológica .

Através da aquisição de saberes e competências próprias do pensamento visual, da expressão, da comunicação e da criação artística, os alunos e as alunas adquirem ferramentas críticas para se representarem e representarem a sociedade em que

vivem. As artes ajudam as crianças e os jovens a aprender sobre si próprios e sobre as suas comunidades. Através da educação artística preservam-se património e heranças culturais, ajudando os alunos a reconhecer e a apreciar as diferentes perspectivas que vão encontrando num mundo cada vez mais globalizado. As artes chamam a atenção para a nuance, a ambiguidade e a complexidade da vida. Ajudam as crianças e os jovens a aprender ideias e valores culturalmente importantes.

Ensinamos às gerações futuras a ler, escrever e contar, também as deveríamos ensinar a ler, olhar e fazer imagens, pois tais conhecimentos lhes permitem desenvolver ideias mais complexas (Ballengee-Morris & Stuhr, 2000; Freedman, 2000; Freedman, 2010). As artes desenvolvem capacidades criativas e comunicativas construindo visões do mundo a partir de uma reflexão consciente sobre valores espirituais, estéticos, morais e cívicos, refletindo sobre temas críticos. Através das artes os alunos preparam -se para uma cidadania ativa e desenvolvem a sua personalidade, como membros de uma comunidade.

Assim sendo, a EaV tem um contributo único para os objectivos enunciados na Lei de bases do sistema Educativo. (LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO - Versão nova Consolidada – 30/08/2005- Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto) .

Na declaração conjunta da InSEA (International Society for Education through Art), ISME (International Society for Music Education) e IDEA (International Drama/Theatre and Education Association) apelou-se para o reforço e reformulação do papel da educação artística no ensino:

‘Neste tempo de crises declaradas, num momento crítico da sociedade face á fragmentação social, a uma cultura global dominante de competição, à violência urbana endémica e à marginalização da educação e dos veículos de transformação cultural, apelamos para novos e mais adequados paradigmas da educação que transmitam e transformem a cultura através da linguagem humanista das artes que é baseada nos princípios da cooperação e não da competição. Acreditamos que atualmente, o conhecimento básico dos indivíduos nas sociedades pós-industriais deva incluir inteligências flexíveis, competências criativas verbais e não verbais, capacidades de pensar

criticamente e com imaginação, compreensão intercultural e empatia para com a diversidade cultural. A investigação tem demonstrado que estes atributos pessoais são adquiridos através do processo da aprendizagem e utilização de linguagens artísticas'.(Joint Declaration, Viseu 4 de Março de 2006).

Nas artes visuais, por exemplo na Educação Visual ou nas disciplinas artísticas opcionais, pedagogias refletivas, críticas e novos meios de produção artística, oferecem aos estudantes oportunidades para explorar os seus mundos visuais multiculturais e multi-tecnológicos. A educação para a compreensão da cultura visual oferece aos jovens meios para questionarem o fluxo de imagens transmitidas diariamente pelos meios mediáticos, ajudando-os a compreenderem o seu papel de público receptor e de produtor de significados. Através das artes performativas, os educadores estão a transformar as salas de aulas em teatros de diálogo criativo, fornecendo aos alunos ferramentas para desenvolver soluções para as necessidades e desafios sociais contemporâneos. A educação artística fornece meios para a compreensão e preservação de culturas minoritárias, que estão em risco perante a globalização. Colectivamente as artes oferecem aos jovens oportunidades únicas para compreenderem e criarem as suas identidades pessoais. Estimulam os estudos interdisciplinares, a tomada de decisões participativa e motivam os jovens e as crianças para uma aprendizagem ativa, criativa e questionadora.

Mas esta Educação artístico Visual crítica: formadora de carácter, de personalidade e de cidadania ativa, não é a Educação Visual preconizada pelos ajustamentos curriculares que têm vindo a ser feitos desde os anos noventa. É a Educação Visual que muitos professores fazem lecionando os conteúdos dos programas obsoletos esquecendo-se das mais recentes teorias sobre Educação multicultural: educação para a sustentabilidade, educação para os média e educação artística.

E é baseando-nos nas boas práticas que estamos a construir estes textos.

Sobre abordagens da Educação Artística Visual

A expressão artística lecionada no primeiro ciclo; a Educação Visual e as disciplinas artísticas lecionadas no segundo e terceiro ciclos, são espaços únicos no currículo, espaços de conhecimento e de desenvolvimento de inteligências e capacidades. Ao trabalhar temas do cotidiano, tal como o fazem os artistas contemporâneos; através de projetos de trabalho, proporcionam-se espaços de construção de identidades.

O conhecimento de si e da comunidade onde se inserem, pode ser desenvolvido através de atividades artísticas que partem das comunidades locais. As crianças não são objetos, são sujeitos, que possuem conhecimento e cultura. As abordagens da EaV, deveriam partir sempre do conhecimento que o aluno possui, valorizando a cultura de origem e colocando-a no mesmo patamar que as culturas de elites que a escola tende a promover. Os primeiros projetos de trabalho, deveriam partir para o conhecimento do aluno, apelando para que ele exprima a sua identidade, aprendendo a refletir sobre o que o limita e o que potencia o seu desenvolvimento, a herança cultural que possui e as potencialidades culturais do mundo em que se insere.

A partir desse conhecimento, a EaV poderá partir para a descoberta dos desconhecimentos, nas suas culturas locais e globais, de outras culturas, de outras comunidades e outras identidades, utilizando leituras de textos mediados pela imagem.

Ao proporcionar aos estudantes encontros com as artes de várias culturas, enriquecemos não só domínios culturais mas, e sobretudo capacidades de reflexão e de criação através dos processos artísticos com que os profissionais trabalham com os mais variados médiums (imagem estática, imagem em movimento, imagem digital, multimédia).

Os artistas contemporâneos abriram campos de reflexão e questionamento que importaria introduzir nas aulas de EaV; trabalhando identidades, trabalham-se valores, construções sociais, questões humanísticas que deveriam ser os tópicos principais de trabalho nas aulas de EaV.

OS MITOS DA EV

No entanto parece-nos importante rever as estratégias e os conteúdos que até este momento têm regido as nossas escolas. Designaremos nesta secção alguns dos mitos correntes.

Tempo curricular

Se uma das finalidades da educação artística visual é potencializar processos específicos da comunicação e expressão visual, de modo a desenvolver atitudes criativas, engenho, imaginação, intuição, atitudes de reflexão e autonomia. Então deveremos abordar estas disciplinas como contextos diferenciados de aprendizagem que pela sua natureza requerem tempos e tempo, estratégias de ensino-aprendizagem e tipos de avaliação específicos.

O ritmo da aprendizagem em artes não é linear, é rizomático, deixando as portas abertas para a serendipidade , para a descoberta não planeada, para o insólito e o inesperado, porque esse é o ritmo próprio da aprendizagem nas artes. Muitas vezes, o tempo curricular da disciplina obrigatória não chega para desenvolver projetos, os professores negociam horas com outras disciplinas e desenvolvem também atividades extracurriculares opcionais.

A EaV não se pode limitar aos tempos mínimos obrigatórios, cada professor de artes deveria infiltrar culturas extracurriculares, com atividades artísticas opcionais, e os diretores das Escolas deveriam promover tais iniciativas, dado que a escola não se limita a um currículo oficial, é um lugar de aprendizagem muito mais largo. Os Planos Educativos das Escolas incluem normalmente Projetos de Educação para a Saúde; Desporto; e entre outras vertentes, deveriam também incluir a Educação Artística, integrando as várias disciplinas e práticas das artes.

Cabe aos Professores reivindicar e justificar a sua existência junto dos órgãos de gestão das escolas e dos Encarregados de Educação.

O Mito das atividades curriculares obrigatórias como as únicas atividades onde se faz aprendizagem dentro da escola, não tem razão de existir numa escola que se quer autónoma.

O Mito dos Programas e planificações

Programas que não passam de uma listagem de conteúdos, muitas vezes sobrepostos, são perigosos para a EaV.

Planificações demasiado rígidas, planos de aulas meticulosamente programados podem ser o maior inimigo da EaV.

O professor deve saber tirar partido de cada momento de aprendizagem como recurso pedagógico, estar atento aos interesses e às culturas onde os alunos se inserem e não se estar limitado a uma sequência de conteúdos a lecionar sem nenhuma linha temática ou propósito humanista. Dar aulas a EaV é um acto de imaginação contínua, de escuta e de diálogo, de negociação e de partilha. É um ato de invenção onde os conteúdos são evocados para compreender maneiras de ver, sentir, estar e interagir no mundo.

O mito da avaliação por Teste

A Avaliação é essencial na EaV. A avaliação diagnóstica, formativa, construtiva, uma avaliação contínua, autêntica que forneça verdadeiramente dados aos alunos para que eles possam aprender mais e melhor. Uma avaliação que utilize instrumentos válidos do campo das artes e não instrumentos que reduzam os conhecimentos e competências a avaliar, como é o caso dos testes de respostas fechadas.

Infelizmente muitos professores acreditam que o facto de uma disciplina usar instrumentos de avaliação desse tipo lhe dará um maior estatuto. Tal mito é infundamentado e acaba por ser um perigo para a disciplina. Nas artes deveriam ser sempre utilizados instrumentos de avaliação específicos como o caso do portefólio, passíveis de serem valorizados por processos de apreciação artística.

O mito da disciplina prática

De um modo geral as escolas entendem as disciplinas da Educação Artística Visual como disciplinas do Fazer, eminentemente práticas, e essa tradição tem uma justificação histórica muito importante. De facto, o Fazer é essencial, mas não o Fazer mecânico e puramente tecnológico. O essencial da disciplina é o Fazer como resultado de um processo de análise; interpretação, Transformação e criação ou re-

criação. Durante muitos anos utilizaram-se as chamadas abordagens baseadas em metodologias projetuais, que embora interessantes não se justificam neste momento face ao mundo atual, mundo extremamente sofisticado, que necessita de conhecimentos e ferramentas de significação e de re-significação de imagens e de narrativas visuais, que tais abordagens não estão a conseguir fornecer.

O mito do Fazer impediu que se desenvolvessem conversações; debates; diálogos com os alunos, reduzindo o desenvolvimento das suas capacidades críticas e narrativas. Falar sobre as artes é tão importante como fazer artes.

O Mito da Representação Ilusionista

Representação

Nem todos os alunos têm os mesmos processos de representação, convém deixar os alunos desenvolver de um modo único as suas capacidades independentemente de serem processos de representação fiel da realidade. Tal como nas artes, existem muitas maneiras de representar e nenhuma é melhor do que outra. Durante muitos séculos a preponderância da representação fiel da realidade levou a que muitas crianças e adolescentes deixassem de se exprimir visualmente. Hoje devido aos meios tecnológicos de que dispomos para representar fielmente a realidade seria absurdo pedir aos alunos para se representarem todos da mesma maneira.

Saber Pensar Visualmente / Saber Ver

As Disciplinas artístico visuais longe de se limitarem a ensinar conceitos de percepção visual e canais de comunicação visual, deveriam ensinar a utilizar criticamente como ferramenta de análise (leitura e interpretação) os elementos estruturais da linguagem plástica como meios para a compreensão dos meios de expressão e comunicação visual nos mais variados contextos contemporâneos (artes visuais-plásticas; design; multimédia).

O ato de Pensar visualmente através de processos de leitura e de criação de imagens permite desenvolver capacidades de análise e de síntese únicas que não podem ser desenvolvidas por outros meios. Ver sentindo e pensando, refletindo e questionando deveriam ser as primeiras premissas das atividades: O como, porquê, onde e para quê, deveriam ser as perguntas mais usadas em qualquer processo de análise.

Saber Interpretar Imagens e Artefactos visuais ou multimédia

O imaginário visual das crianças tem de ser enriquecido, a maior parte das imagens do quotidiano é construída a partir de outras imagens. A escola deveria fornecer aos seus alunos um leque variado de imagens para observar: ir ao museu para se apropriar das histórias que o museu possa contar; conhecer o património local, falar sobre as imagens que povoam o dia a dia do aluno, independentemente de serem de baixa ou alta cultura, legitimadas pelo poder ou pela comunidade, pois qualquer imagem é passível de ser analisada criticamente e cabe aos professores abrir espaços para que essas imagens entrem, não apenas como reproduções, mas também em originais.

Escolas, Museus, Património, Espaço Público, Espaço Virtual são locais onde as imagens transmitem discursos, muitas vezes de poder. E esses discursos têm de ser o foco principal das aulas de Educação artística visual.

Infelizmente muitas escolas, desde o jardim de infância, apenas veiculam um determinado tipo de Imagens, o que deveria ser evitado, porque as imagens são a matéria da disciplina e os espaços onde as imagens se criam, se reproduzem, se veiculam, se veneram ou se consomem são laboratórios de interpretação e de experimentação.

Professores e profissionais dos museus deveriam pensar as atividades em conjunto, de modo a que o museu se transforme num espaço de aprendizagem, de

discurso crítico e de apropriação da cultura e do património.

Saber Fazer

As disciplinas das artes precisam do Fazer e do Saber Fazer, porque as artes precisam das técnicas, das ferramentas e dos suportes para dar forma aos conteúdos. Esse saber fazer precisa de tempo e de professores especializados para que se possa de facto fazer educação artística.

Como metodologia propomos Linhas Orientadoras para a Educação artístico Visual a partir de trabalho de projeto, ou seja a organização de atividades de leitura, interpretação e produção visual e artística a partir de grandes temas, que podem se relacionar com os interesses dos alunos e com os eixos transversais, como por exemplo, a educação para a cidadania, a educação ambiental; a educação para a sustentabilidade. Não pretendemos instrumentalizar esta disciplina, ou seja usar o ensino das artes para aprender conteúdos de outras disciplinas, mas sim abordar a educação artística visual de um ponto de vista multidisciplinar, onde os saberes se encontram e se completam.

Reforçamos no trabalho de projeto, de estratégias que partam sempre de questionamentos, da procura de informação através de análise crítica e síntese construtiva **para chegar à elaboração de produtos que podem ser apresentados de maneiras diversificadas: visuais, performativos, expositivos**. Reforçamos o valor da apresentação pública, na escola e noutros locais da comunidade, de alguns produtos da aprendizagem dos alunos para aumentar nos alunos o seu sentido de responsabilidade e de envolvimento com a comunidade.

Para além do foco interdisciplinar da EaV, salientamos também o foco intergeracional das artes. A escola é uma comunidade que vive separada por níveis etários e separada do resto da comunidade onde se insere por fortes barreiras. As artes podem criar espaços permeáveis entre vários níveis de ensino e espaços de interação com outros membros da comunidade. Esses espaços poderão fomentar o sentido social e desenvolver no aluno capacidades de relacionamento com os outros. Acreditamos, no entanto, que os professores sozinhos não serão capazes de abrir as portas da educação escolar para a comunidade, haveria que estabelecer parcerias com outras instituições e organizações locais; trabalhar em conjunto com os museus por exemplo ou com organizações de solidariedade social. A dimensão da educação solidária, da educação para a sustentabilidade só poderá ser

conseguida se descolorizarmos a educação como dizia Ivan Illich (1973; 1981), procurar ferramentas de convivialidade na comunidade, e se há muito elas deixaram de existir, pode ser que a EaV encontre caminhos transdisciplinares na sua área, que por ser marginal e de fronteira terá mais probabilidades de se permeabilizar e de renovar a escola.

Referências

Ballengee-Morris, C., Daniel, V. H. A., & Stuhr, P. L. (2010). Social justice through a curriculum narrative: Investigating Issues of diversity. In T. Anderson, D. Gussak, K. Hallmark, & A. Paul (Eds.), *Art education for social justice* (pp.14-21). Reston, VA: National Art Education Association.

Ballengee-Morris, C. & Stuhr, P. L. (2000). Heritage, traditions, and culture in a changing world. *Art Education*, 54(4), 6-13.

Freedman, K. (2011). Leadership in Art Education: Taking action in schools and communities. *Art Education*, 64(2), 40-45.

Illich I. (1973), *Tools for Conviviality*, Glasgow, William Collins and Sons.

Illich I., (1981), *Shadow Work*, London, M.Boyers Hetland, L., Winner, E., Veenema, S., & Sheridan, K. (2007). *Studio thinking: The real benefits of visual arts education*. New York: Teachers College Press.

A EaV nos vários ciclos

As oportunidades que esta revisão curricular nos traz

São conhecidos os constrangimentos que esta revisão curricular nos traz: eliminação das disciplinas de EVT no 2.º ciclo, de ET no 3.º com a conseqüente dispensa de milhares de professores. Todo o processo que deu origem a este desfecho é muito questionável e começa logo com as intenções economicistas que nortearam toda a proposta, passando pela farsa que foi a consulta pública e da qual, sabemos agora, muito pouco foi tido em conta pelo MEC.

Longe de estarmos contentes com esta solução encontrada pelo MEC, que descarta milhares de professores especializados que são indubitavelmente uma mais-valia no nosso sistema de ensino, achamos que há algumas oportunidades que não podemos deixar de agarrar. Podemos perdê-las se nos concentrarmos apenas nos constrangimentos e passarmos o tempo a discutir aqui com que não concordamos. Ver além do imediato é um imperativo do momento! Estar atento e usar essas oportunidades em favor da Educação Artística nas nossas escolas é fundamental para:

- a) Passar a proporcionar aulas de educação artística aos alunos que ainda não têm acesso a elas
- b) Ajudar a melhorar as aulas de educação artística dos restantes alunos
- c) Diversificar a oferta de áreas artísticas na escola, coetâneas ou não com as artes visuais
- d) Manutenção de milhares de lugares de professores nas escolas

Em nosso entender as oportunidades que nos proporciona esta revisão situam-se especialmente em 4 pontos:

a) **Coadjuvação no 1.º ciclo**

A coadjuvação em áreas especializadas já está prevista na LBSE (art.º 8º) mas nunca foi regulamentada. Cabe aos professores e às associações de professores trabalhar para que esta solução seja regulamentada e se efetive o mais depressa possível. No mínimo, a área da Expressão e Educação Plástica (nome que tem no 1º ciclo) deve contar com 90 minutos semanais dada por um professor especialista. A APECV, consciente da necessidade de formação específica para este ciclo, irá proporcionar um curso de formação dirigido aos professores que queiram optar por lecionar no 1º ciclo. Achamos que a distribuição deste serviço letivo aos professores deve ter em conta a sua vontade expressa, pois é muito

importante a motivação e disponibilidade do docente para trabalhar com esta faixa etária. Cada departamento ou grupo disciplinar deve fazer sentir isso junto da direção da sua escola e ajudar a encontrar soluções para que os recursos humanos sejam geridos de modo a assegurar a efetivação dessas aulas em todas as turmas do 1º ciclo.

b) Criação de duas disciplinas novas no 2º ciclo

Esta oportunidade tem sido encarada pela maioria dos docentes como o principal constrangimento desta revisão curricular. E é-o na realidade pelas implicações que tem! No entanto não podemos ignorar que criar algo novo é sempre uma oportunidade de fazer algo diferente. É também a oportunidade de nos emanciparmos do passado. Encarar estas disciplinas como novas, com identidade própria e não como sucedâneas de uma qualquer tradição disciplinar já enraizada na escola é fundamental para que as possamos encarar como uma oportunidade. Estas duas novas disciplinas devem ser lecionadas por professores do grupo 240 mas, mais uma vez, cada professor deve ter a liberdade de escolher a área que quer lecionar. Consideramos que é de elementar respeito pela identidade profissional de cada docente que cada um possa escolher a disciplina que quer lecionar, considerando a sua formação inicial. É importante que cada departamento ou grupo disciplinar faça sentir esta preocupação às direções das escolas para que isso seja tido em conta na distribuição do serviço letivo.

c) Disciplina de Oferta de Escola no 3º Ciclo.

Esta é outra medida que tem sido encarada como um constrangimento pelos docentes. No entanto aqui reside uma das maiores oportunidades desta revisão curricular. É certo que a Educação Tecnológica desaparece do elenco curricular como disciplina obrigatória mas cada docente, em cada escola, pode agora propor a criação de uma disciplina de oferta de escola que se adegue, em primeiro lugar, à população escolar do seu agrupamento e, em segundo, aos seus interesses e conhecimentos do docente da área tecnológica. Cada docente tem a oportunidade de propor em Conselho Pedagógico um programa de uma disciplina que verdadeiramente se adegue aos seus alunos. Além disso há também a oportunidade de propor a criação áreas interdisciplinares, tais como: arte e design; arte e tecnologia; arte e multimédia, arte e ciência, etc.; mas também de outras áreas de carácter mais específico e disciplinar. Esta oportunidade não se pode perder. Há que abordar a “Oferta de Escola” como um espaço curricular onde a educação pela arte seja aglutinadora e exploradora de diferentes saberes e capacidades.

d) Criação da oferta complementar nos 2º e 3º ciclos

A oferta complementar está a ser encarada como uma espécie de formação cívica. Não será assim se os professores em cada escola, em cada turma, decidirem em função dos interesses e necessidades dos alunos. É certo que ainda não se sabe muito bem o que orientações o MEC produzirá sobre esta disciplina mas defendemos que esta disciplina deverá ser definida por cada Conselho de Turma, adequada a cada turma e aos seus alunos. Defendemos que esta disciplina seja um lugar de trabalho colaborativo, onde os problemas sejam tratados de forma séria e fundados em questões trazidas pelos alunos e não num programa prescritivo e nivelador. Porque não levar esta disciplina para a área das artes? Alguma coisa que relacione a arte e a cidadania, as artes tradicionais, a sociedade, o meio, as vivências de cada aluno. Aqui o campo está totalmente em aberto e por isso as oportunidades dependerão da capacidade de iniciativa dos professores em cada escola.

Apontamentos para eixos orientadores de conteúdos

Situações e estratégias de aprendizagem:

1.º ciclo

Sabemos que idealmente as aulas de Expressão e Educação Plástica necessitam de um espaço com condições adequadas. Sugerimos que desde já (ainda durante este ano letivo) os professores que pretendam lecionar esta área em coadjuvação no 1.º ciclo no próximo ano se dirijam às escolas do seu agrupamento de modo identificarem as necessidades e, com tempo, providenciarem a aquisição do material necessário.

No entanto, consideramos que a inexistência de um espaço dito adequado para a prática da expressão plástica não deve funcionar como inibidor da prática desta área curricular. Dada a diversidade de recursos, materiais e técnicas que poderão ser usados por cada professor este deverá sempre encontrar uma solução que lhe permita abordar os conteúdos e se atingir com os seus alunos as metas de aprendizagem definidas.

a) Para o 1.º ciclo, o desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social e **das expressões plástica**, dramática, musical e motora; LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO - Versão nova Consolidada – 30/08/2005- Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto)

- Ver/Observar
- Conversar
- Experimentar
- Criar/Transformar
- Publicar

2.º ciclo

b) Para o 2º ciclo, a formação humanística, artística, física e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica, visando **habilitar os alunos a assimilar e interpretar crítica e criativamente a informação, de modo a possibilitar a aquisição de métodos e instrumentos de trabalho e de conhecimento que permitam o prosseguimento da sua formação, numa perspectiva do desenvolvimento de atitudes ativas e conscientes perante a comunidade e os seus problemas mais importantes**; LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO - Versão nova Consolidada – 30/08/2005- Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto)

3.º ciclo

i) Para o 3º ciclo, **a aquisição sistemática e diferenciada da cultura moderna, nas suas dimensões humanística, literária, artística**, física e desportiva, científica e tecnológica, indispensável ao ingresso na vida ativa e ao prosseguimento de estudos, bem como a orientação escolar e profissional que faculte a opção de formação subsequente ou de inserção na vida ativa, com respeito pela realização autónoma da pessoa humana. LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO - Versão nova Consolidada – 30/08/2005- Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto)

Referências

NAEA White Papers

NAEA Learning in a Visual Age : The critical importance of Visual Arts Education

E se *Steve Jobs* tivesse sido professor da disciplina de Educação Visual e Tecnológica?

Provavelmente não teríamos a *Apple* e a *Pixar* não seria o que é, mas talvez tivéssemos um grande defensor da disciplina de *Educação Visual e Tecnológica*! E porquê? *Steve Jobs* na sua biografia assumiu-se como alguém que “*amava a tecnologia e a arte!*”, e como “*...uma das poucas pessoas que sabem que produzir tecnologia requer intuição e criatividade, e que a produção artística exige disciplina*” (p.678), tal como muito professores de *Educação Visual e Tecnológica* assumiram ao longo destes últimos 20 anos. *Steve Jobs* defenderia uma disciplina que promove as competências que ele próprio possuía, e que permite a construção de pontes entre o pensamento intuitivo, a criatividade e o conhecimento tecnológico. Diria somente que: - *É necessário desenvolver a identidade desta (área) disciplina(r), e dos seus conteúdos programáticos, à luz de novos paradigmas de relação entre a Arte, a Ciência e a Tecnologia! Vamos fazê-lo nos próximos 2 anos, e não esperar mais 20 anos!*

Desculpem-nos os fãs pela citação deste nome maior da nossa cultura contemporânea, neste exercício ficcional, mas o pensamento intuitivo e criatividade de *Steve Jobs* permitiu construir pontes entre diversas áreas do saber, e encontrar soluções que modificaram a nossa maneira de interagir com a tecnologia e com a arte... tal como muitos professores de *Educação Visual e Tecnológica* construíram pontes entre a criação artística e a tecnologia, os saberes tradicionais e as tecnologias audiovisuais e multimédia. Mais do que isso, criaram pontes entre vocações emergentes de crianças e jovens, que beneficiaram da democratização de ensino, e recentes paradigmas de desenvolvimento (também) baseados nas indústrias culturais, nas indústrias criativas ou na mediatização de conteúdos. E com toda a certeza que a disciplina de *Educação Visual e Tecnológica* deu um contributo importante para estimular vocações dos criadores portugueses que na actualidade marcam o nosso panorama artístico no domínio das artes plásticas, da fotografia, do design, do cinema de animação, da criação de videojogos ou na mediatização de conteúdos multimédia. Áreas com um potencial exportável bastante interessante, pela capacidade de projecção da nossa língua e da nossa cultura. Veja-se o caso da série de animação “*Nutri Ventures*”, do estúdio de animação Bang Bang com exibição prevista em canais de vários países, ou mais recentemente, da App portuguesa - *Back in Time*, desenvolvida por designers, programadores e engenheiros, e que actualmente está no top de vendas em diversos países,

incluindo os Estados Unidos.

Se *Steve Jobs* tivesse sido professor de *Educação Visual e Tecnológica* teria estimulado vocações e formado jovens, futuros profissionais das indústrias criativas preparados para mediatizarem conteúdos para os artefactos que ele próprio desenvolveu... talvez não tivéssemos o iPad, o iTunes ou as interfaces gráficas como as conhecemos hoje! Mas teríamos alguém que nos estaria a chamar a atenção para as tendências das políticas europeias onde a Europa aponta para a criação de um plano - EUROPA CRIATIVA, para o período 2014/2020, adaptado às reais necessidades dos promotores de projectos dos sectores culturais e criativos, com o objectivo de *“estimular a criação de emprego e promover os crescimento através da promoção da diversidade cultural e linguística”*. E *Steve Jobs* perguntaria: *- vão reduzir as horas de uma disciplina que estimula vocações e educa para o pensamento intuitivo, para a criatividade? Estamos a pensar no futuro a médio e longo prazo?*

Mas com toda a certeza que *Steve Jobs*, como os professores de *Educação Visual e Tecnológica*, teria como preocupação fundamental desenvolver nos seus alunos o pensamento intuitivo e a imaginação através do desenvolvimento de actividades artísticas suportadas por uma componente tecnológica. E quem sabe se não parafrasearia *António Damásio*, tal como os professores de *Educação Visual e Tecnológica* têm feito, quando em 2006, na Conferência Mundial sobre Educação Artística da UNESCO, em Lisboa, referiu que *“a ciência e a matemática são muito importantes, mas a arte e as humanidades são imprescindíveis à imaginação e ao pensamento intuitivo que estão por trás do que é novo”*.

Mas *Steve Jobs* não foi professor de *Educação Visual e Tecnológica*! E mesmo que tal se tivesse proporcionado não teria “suportado” um programa disciplinar como os professores “suportaram” ao longo de 20 anos. Diria que neste 20 anos “evoluímos” do *Macintosh Classic* para o actual *iPad*... e diria que evoluímos ao longo deste 20 anos para uma sociedade baseada na “cultura de interface”, de acesso a conteúdos cada vez mais visuais, com cada vez mais exigências ao nível da cultura visual do individuo, e que o programa da disciplina não acompanhou essa mudança na sociedade. Mas mesmo assim, essas mudanças foram interpretadas pelos actuais professores de *Educação Visual e Tecnológica*, e incorporado nas suas práticas lectivas, com todas as limitações de um programa ultrapassado no seu tempo. Ao longo destes anos, as actividades de (des)construção e interpretação de imagens tornaram-se frequente e articuladas com actividades tecnológicas e artísticas no domínio do audiovisual, das artes visuais ou das artes plásticas. Formaram-se

públicos e consumidores para os media mais informados e melhor preparados para o pensamento divergente e exercício de uma cidadania activa.

É claro que este exercício ficcional é um pequeno contributo crítico em torno da proposta, do Ministério da Educação e Ciência, de substituição de uma disciplina única de *Educação Visual e Tecnológica*, por três disciplinas (Educação Visual; Educação tecnológica; Tecnologias da Informação e da Comunicação), sem ter existido tempo necessário para a afirmação e construção de uma identidade disciplinar, numa área fundamental para a formação dos nossos jovens. Os professores de *Educação Visual e Tecnológica* estão preparados para o fazer! A disciplina necessita dos **180 minutos lectivos por semana**, nos dois anos do 2.º ciclo, sob pena de não ser possível desenvolver qualquer tipo de trabalho mais consistente ou com uma componente técnica e tecnológica mais exigente. Os professores desta área disciplinar estão preparados pedagogicamente, tecnicamente e cientificamente para responderem aos desafios da revisão do currículo e desenvolverem a identidade de uma disciplina fundamental para a formação integral dos nossos filhos, em particular na sua dimensão mais divergente e mobilizadora do pensamento intuitivo.

Com enorme admiração por *Steve Jobs* e em defesa do tempo lectivo necessário à formação numa área fundamental para o nosso futuro colectivo – **Dois blocos de 90 minutos, nos dois anos do 2.º ciclo, num total de 180 minutos por semana!**